



# SIRON FRANCO

ONTEM, HOJE, AGORA



PAULO  
DARZÉ  
GALERIA



SIRON  
FRAN  
CO

ONTEM, HOJE, AGORA

# Siron Franco — *Ontem, Hoje, Agora*

---

Não há caminho certo ou unívoco para o desenvolvimento de uma prática artística. Ao passo em que determinadas produções alimentam-se – regozijam-se? – da experimentação múltipla e infundada dos diferentes meios, suportes e materiais ofertados pelo campo da arte contemporânea, outras optam por uma espécie de voto de castidade às avessas, mantendo-se atemporalmente fiéis à certas condições e meios de produção, de modo a tornarem-se, com o tempo, assinaturas incontestáveis de determinados artistas.

Em suas cinco décadas de dedicação ao labor artístico, Siron Franco (Goiás Velho, GO, 1947), conjugou, com singular destreza e impressionante capacidade de renovação, estas duas esferas ou possibilidades de caminhos para a trajetória de um artista.

**Siron Franco – *Ontem, Hoje, Agora*** apresenta um recorte da produção recente em pinturas e esculturas do artista, obras realizadas do início dos anos 2000 até o ano de 2022, quando completou 75 anos.

Se aqui nos é permitido ver um recorte da produção artística de Franco feita nas últimas duas décadas e meia, aproximadamente, é aqui também onde constatamos – delicada e vagorosamente – mudanças empreendidas pelo artista em sua própria prática. Afinal, poucos artistas brasileiros poderiam ser, inequivocamente, enquadrados ora como expoentes do expressionismo abstrato, ora como um exímios pintores surrealistas, como Siron o foi. Tamanha é a delicadeza da espessura do território limítrofe que separa estas definições categóricas do universo da arte na obra de Siron Franco que, por fim, parecem anular-se em um jogo de forças despropositado. Afinal, para muito além do artista estar, possivelmente, buscando provar sua versatilidade estilística, temática e poética, trata-se aqui de um peculiar exercício involuntário executado pelo próprio de uma constante e inevitável devoração de tudo aquilo que o cerca: de suas referências no campo da arte à paisagem do Cerrado Brasileiro, de Jackson Pollock e Francis Bacon à Iberê Camargo e Flávio de Carvalho.

Não está em jogo aqui, portanto, uma trôpega (e, sem dúvida, desnecessária) tentativa de auto-afirmação por parte do artista de sua ampla capacidade de transitar por registros, linguagens e universos dos mais variados, nos mais distintos suportes e meios. Desde o início de sua produção, Siron Franco sedimentou certo ímpeto polivalente e interdisciplinar, extrapolando, inclusive, os limites dos ambientes ditos “próprios da arte”, como museus, galerias e afins. Até hoje, a produção de Siron é frequentemente atravessada pelo desejo de produzir no espaço público, em escalas monumentais (por vezes quase impossíveis), de modo a friccionar as barreiras que ainda teimam a separar a arte das esferas pública e privada. Sua vasta produção de instalações, esculturas públicas, happenings e outros inomináveis acontecimentos artísticos próprios do asfalto e não dos cubos brancos típicos do circuito da arte, não deixam pedra sobre pedra no que toca à versatilidade artística (e ativista também, diga-se), de Franco.

Para o artista, aliás, duas prosaicas pedras, uma sobre a outra, constituem dupla mais do que suficiente para que o fazer artístico se inicie, a partir de mais um curioso ligamento de sinapses que irá materializar-se em ideia e voz, vindos da incansável e brilhante mente do artista.

Nascido em 1947, filho mais novo de treze irmãos, Siron nasceu em uma família humilde do interior de Goiás. Ainda criança, mudou-se para Goiânia, no Bairro Popular, onde passou sua infância e sua adolescência. Autodidata, aprendeu técnicas básicas do manuseio da pintura a óleo e então começou a pintar retratos da alta sociedade goianiense, pelos quais passou a receber módicas (mas já expressivas, para uma criança) remunerações. No lugar de cursar Medicina, como planejavam seus pais, Franco já havia feito a sua própria cabeça: queria ser pintor.

Os prêmios que comprovavam a excelência de sua produção pictórica, à época, não iriam demorar a chegar. Em 1975, por ocasião de sua participação na 12ª Bienal de São Paulo, o artista é prestigiado com o cobiçado prêmio de “Melhor pintor brasileiro”. Desde então, sua produção decolou, tanto em número de obras realizadas pelo artista quanto em termos do alcance atingido por estas, muitas vezes atingindo territórios em nada familiares para o circuito da arte contemporânea, como os programas de TV, telejornais, o gosto da crítica e, sobretudo, o gosto popular. O gosto e, digamos, um certo engajamento, por parte de um público muitas vezes leigo ou distante (ou seria distanciado?) das grossas paredes das instituições artísticas país afora.

Selecionadas a dedo pelo artista e pela curadoria, as obras aqui exibidas convidam os visitantes a serem testemunhas oculares da complexidade do processo artístico de Franco. Em pinturas como “A fronteira”, “Vento ao leste”, “Dia e noite” e “O que vi na internet” vemos o artista carregar de tintas abstratas composições formais cartesianas, de certo modo, onde delinea vetores horizontais e verticais, comedidamente experimentando as possibilidades do tradicional grid moderno. Nestas telas, vemos Siron levar suas pinturas aos seus “territórios de origem”, permitindo que a paleta de cores e a composição formal remeta, naturalmente, à paisagem do Cerrado.

Já em obras como “A dança das vacinas”, “Invasão do amarelo” e “Cabeças”, a presença de tons vermelhos, amarelos e azuis criam um rico mosaico de cores em que resulta em composições que flertam com o abstracionismo geométrico. Produzidas especialmente para a presente ocasião, a série de pinturas inéditas “Humanos”, constitui-se como uma incursão plenamente figurativa na vasta produção do artista. Figuração que se esvai e torna-se abstrata, diga-se, ao olhar aproximado e atento do espectador. Se nosso olho é prontamente guiado para reconhecer as silhuetas do corpo humano em um primeiro momento, logo em seguida tomam nossa atenção elementos curiosos: pinturas rupestres, as marcas da mão do pintor, experimentos idiomáticos, pequenas esferas em relevo sobre a tela a revelarem a presença da terra e de outros pigmentos naturais e afins. A série parece nos brincar com uma semiótica antropológica; um código dos povos originais do cerrado brasileiro. É do coração deste cerrado que Siron trabalha, num ateliê-casa situado próximo a Goiânia. O cerrado, porém, não é o limite do seu mundo, mas o seu centro geográfico. O lugar de onde aprendeu a enxergar de longe. Em “Os nomes”, o escritor norte-americano Don DeLillo tece uma bela passagem sobre desertos e oceanos.

O oceano funciona como o inconsciente. Uma superfície infinita que abriga abaixo de si um mundo impenetrável pela luz solar; uma suspensão dispersa de partículas que limitam a visão. As paisagens desérticas são como a vigília constante. A segura estabelece limites claros e nada escapa aos raios do sol. Todos os objetos são discerníveis. É desse segundo lugar que fala a lucidez de Siron Franco. A complexidade de suas telas pede cautela e paciência à visão. A quantidade de detalhes se multiplica à medida que nos aproximamos.

O que era uma superfície abstrata de longe, de perto guarda a silhueta de um rosto, um padrão do povo Karajá, uma figura animal. Quando criança, Siron temia se perder nas veredas infindáveis do cerrado. Seu pai, então, lhe ensinou a se encontrar. Não pelas estrelas ou pelo céu, mas apontando que, ali, havia uma paineira e que, acolá, havia uma sibipiruna; familiarizando-o com o caminho para casa. A pintura de Siron é assim. É preciso percorrê-la em seus meandros, investigá-la em seus pormenores, para, então, lançar-se ao desafio de buscar enxergá-la por inteiro.

— Victor Gorgulho  
Curador

# Siron Franco — *Yesterday, Today, Now*

---

There is no single, right path to the development of an artistic practice. While some artists' production feeds of multiple and endless experimentation with the different media, materials, and structures offered up by the world of contemporary art, others embrace a kind of reverse vow of chastity. This latter group remains timelessly faithful to a specific set of conditions and means of production, in such a way that these conditions, over time, become the unmistakable signature of their work. In his five decades of dedication to his work, Siron Franco (Goiás Velho, GO, 1947) has joined together, with singular skill and an impressive capacity for renewal, these two artistic pathways.

***Siron Franco - Yesterday, Today, Now*** presents a selection of the Goiás artist's recent production, bringing together paintings and sculptures made from the early 2000s to the present day. In this 25-year period, we see that Siron has changed along with his work. Change that is both driven by the work itself, and also

consciously undertaken by the artist to drive his work in a new direction. After all, few Brazilian artists could be correctly framed one moment as an exponent of abstract expressionism, and another as an acclaimed surrealist. Depending on the point of view, or the moment of his production, these definitions alternate as fitting attributes. More than showing Siron's poetic versatility, this stylistic range confirms the complex pictorial skill of his work. A delicate play between chromaticism, figuration, abstraction, and realism, in which each of these elements, while interdependent, do not allow themselves to be overwhelmed by each other - as if each one supposes the fundamental contribution of the other. Siron gives each of these categories of painting their own sense of belonging.

Born in 1947, the youngest of thirteen siblings, Siron Franco comes from a poor family in the interior of the state of Goiás. As a child, he moved to Goiânia, in the Popular District, where he spent his childhood and adolescence.

Self-taught, Siron learned oil painting techniques and began to paint portraits of Goiânia's high society, for which he was paid. Instead of studying medicine, as was his parents' plan, Siron had his mind made up: he wanted to be a painter. In 1967, he held his first solo exhibition, still in Goiânia. The 1970s marked a turning point in his artistic life. He moved to São Paulo, where he began his academic studies. He met key figures in Brazilian contemporary art, such as Alfredo Volpi, with whom he established a friendly relationship. In 1974 and 1975, he won the prize for best Brazilian painter at the São Paulo Biennial. Since then, he has produced ceaselessly, achieving levels of visibility for his work usually reserved for few names on the international contemporary art scene. This does not mean, however, that Siron has followed a path of constant exposure, always working in the spotlight or under the critical gaze of his audience.

His career is even marked by occasional exhibition hiatuses, during which he would bury himself in periods of painstaking research. For example, it was Ferreira Gullar who emphatically stated that the experience of looking at a painting by Franco is close to that of "observing something for the first time". Among the works on display here, the viewer will be able to witness some of Siron Franco's pictorial richness. Canvases such as "The Border", "Easterly Wind", "Day and Night" or "What I saw on the internet" make up, so to speak, a "case" of abstraction among many of his works. They seem to prioritize Cartesian forms, creating a sense of horizontality and verticality.

Thus, they approach abstraction in the same vein as the Brazilian Neo-Concrete tradition: using the chromatic content to intensify the form. But unlike the Neo-Concrete movement, these are paintings that do not hide the irregular brushstrokes or the touch of the artist's hand behind an industrial artifice. And then again, Siron takes painting back to familiar territory. In works such as "The Dance of the Vaccines," "Invasion of Yellow," or "Heads," the predominance of red, blue, and yellow undertones creates a mosaic of colors rich in detail. The connecting thread here seems to be the chromatic sensation over the geometric form. His "Human Series", on the other hand, constitutes a fully figurative foray; but only until the second page. If our eye is initially drawn to the silhouettes of the human form, soon afterwards more unusual elements capture our attention: cave paintings, the painter's handprints, idiomatic experiments.

The series seems to be presenting itself as a work of semiotic anthropology; a code for the original peoples of the Brazilian Cerrado. It is in the heart of the Cerrado, the Brazilian savannah, that Siron works, in a studio-home located near Goiânia. The Cerrado, however, is not the limit of his world, but its geographical center. It is the place from where he learned to see details from far away. In "The Names", the American writer Don DeLillo weaves a beautiful passage about deserts and oceans. The ocean works like the unconscious. An infinite surface that protects a world below, impenetrable by sunlight; a suspension of scattered particles that restrict the vision. Desert landscapes are like constant wakefulness. Dryness sets clear boundaries, and nothing escapes the sun's rays.

All objects are discernible. It is from this second place that Siron Franco's lucidity speaks. His paintings' complexity demands a cautious and patient gaze. The amount of detail proliferates the closer you get. What from afar appears to be an abstract surface, up close reveals the silhouette of a face, a pattern of the Karajá people, an animal figure. As a child, Siron feared getting lost in the thick undergrowth of the Cerrado's characteristic gallery forests, known in Portuguese as veredas. His father taught him how to orientate himself. Not by the stars or the sun, but by pointing out that over there was a kapok tree or over there was a Sibipiruna tree, encouraging him to recognise the small details that marked the path home. Siron's painting is like that. You need to follow its meanderings, investigate its details, before finally taking on the challenge of seeing it in its entirety.

— Victor Gorgulho  
*Curator*



# Obras selecionadas (2000 — 2022)



Interior da Boate  
2000  
Óleo sobre tela  
180 x 200 cm



Narciso  
2001  
Óleo sobre tela  
200 x 150 cm



Fronteira  
2002/2007  
Óleo sobre tela  
180 x 190 cm



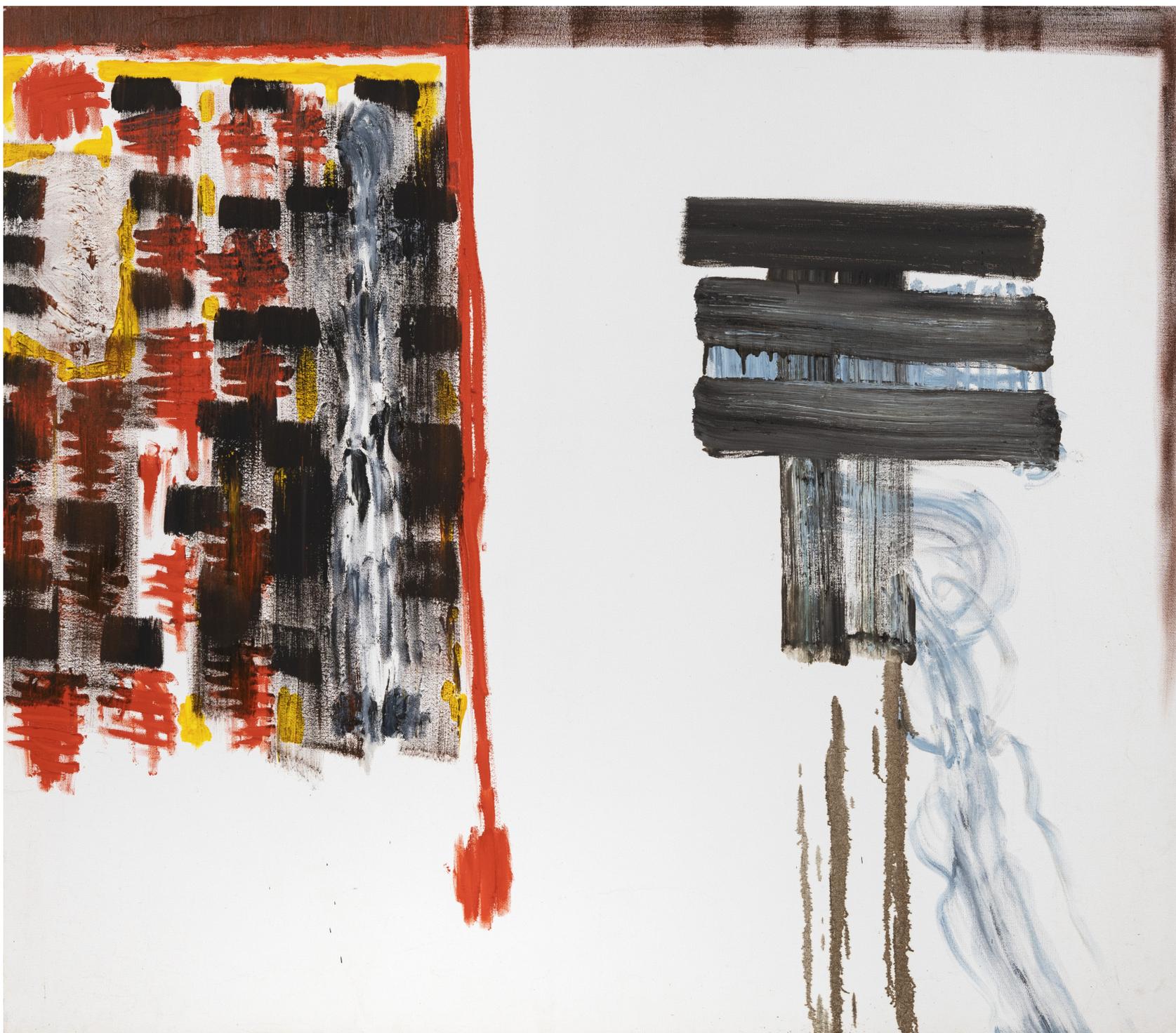
Catedral  
2003/2019  
Óleo sobre tela  
180 x 200 cm



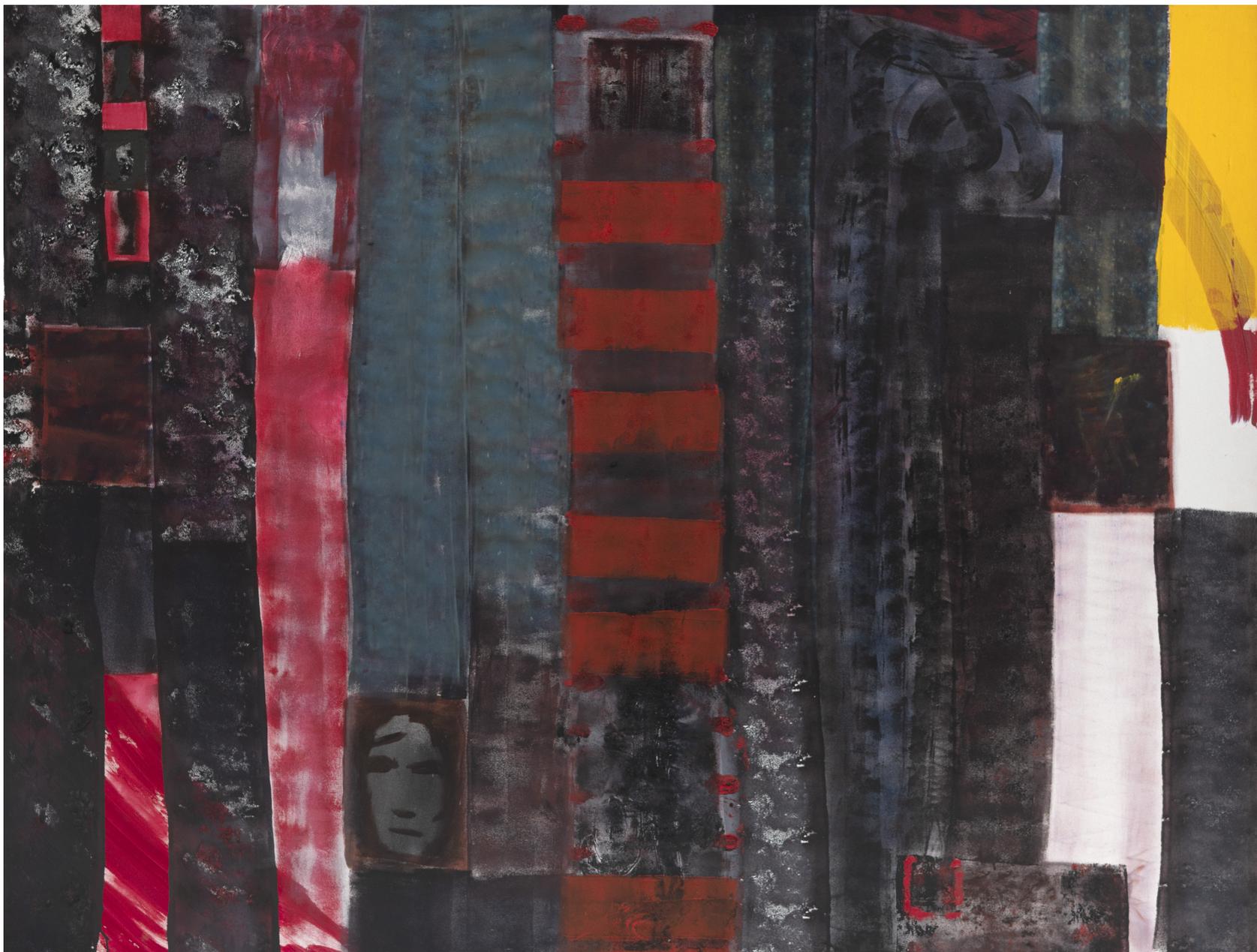
Cabeças  
2003  
Óleo sobre tela  
100 x 130 cm



O que vi na Internet  
2003/2013  
Óleo sobre tela  
150 x 200 cm



Cortina vermelha  
2005  
Óleo sobre tela  
135,5 x 155 cm



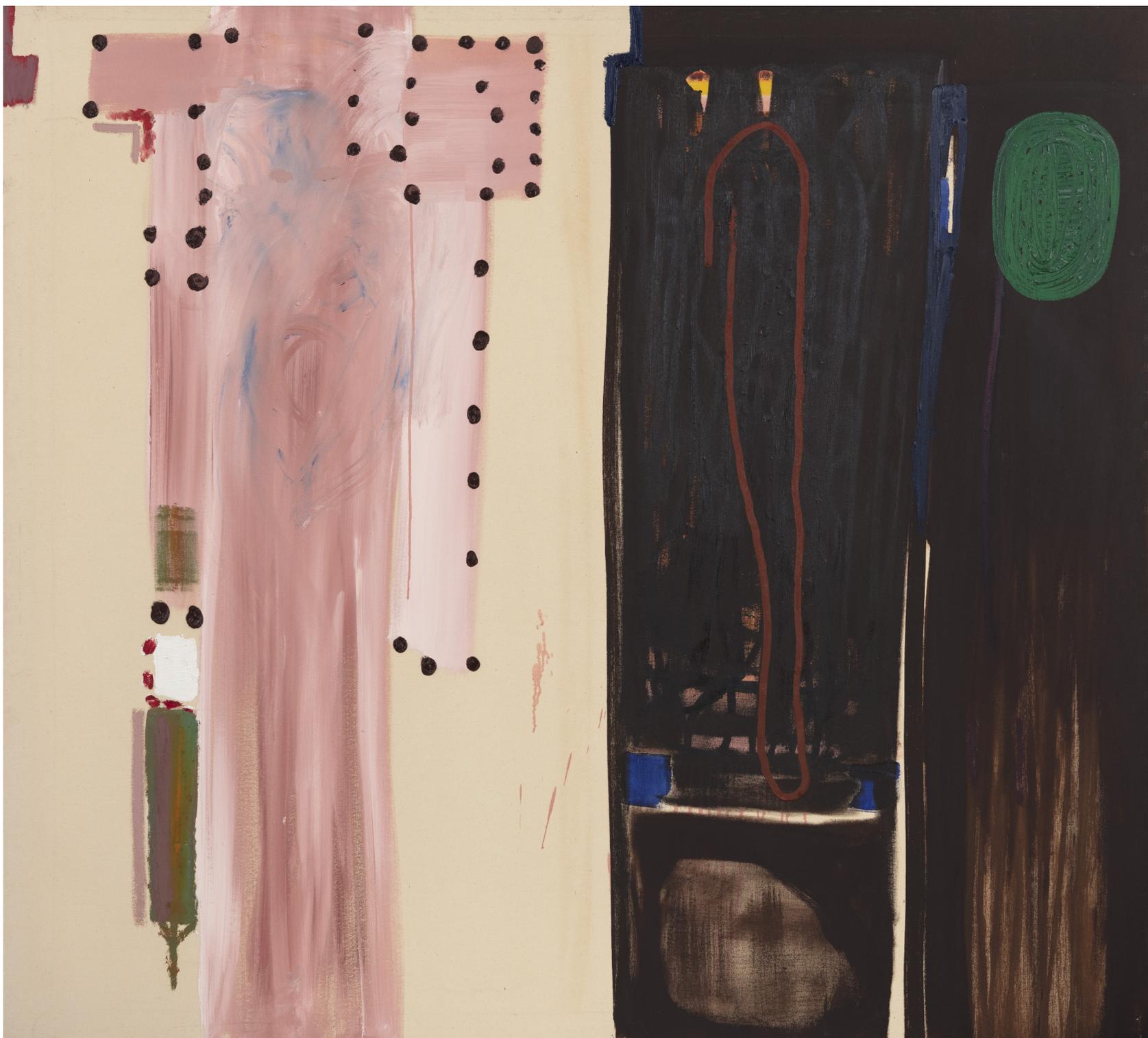
São Paulo  
2005  
Óleo sobre tela  
150,5 x 200 cm



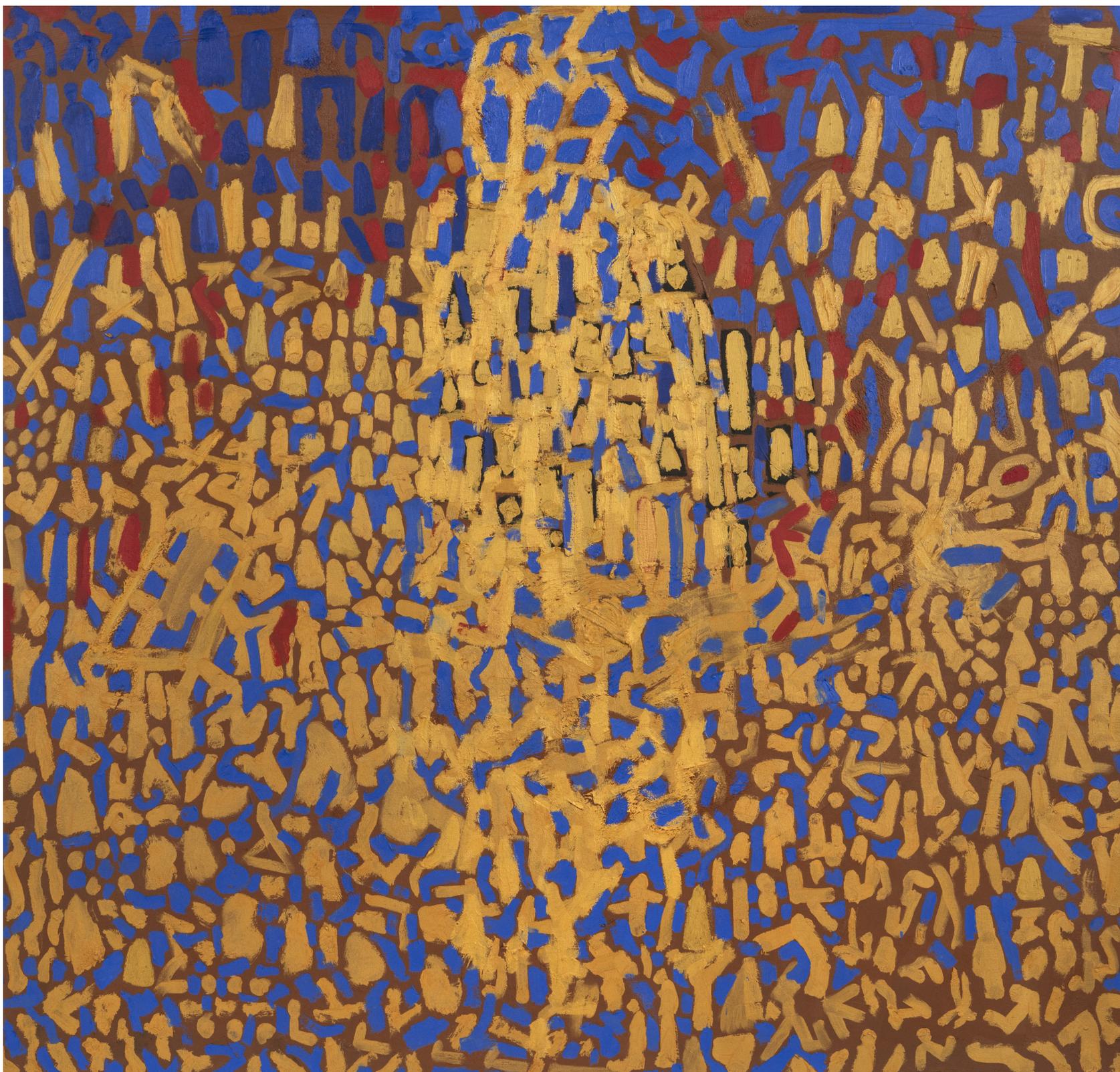
Morada do Homem  
2006  
Óleo sobre tela  
200 x 150 cm



Vento ao Leste  
2006  
Óleo sobre tela  
180 x 170 cm



Dia e Noite  
2007  
Óleo sobre tela  
180 x 200 cm



Dança das Vacinas  
2009/2022  
Óleo sobre tela  
180,3 x 190,2 cm



Primeiro Laço  
2015  
Óleo sobre tela  
135,5 x 155,5 cm



Tripas  
2016  
Óleo sobre tela  
200 x 150 cm



Herança  
2019  
Óleo sobre tela  
160 x 200 cm



Anjo Azul  
2019  
Acrílica sobre tela  
150,5 x 200,5 cm



Invasão do Amarelo  
2019/2021  
Óleo sobre tela  
150,5 x 200,5 cm



A Luz do Dia  
2022  
Óleo sobre tela  
130,5 x 100 cm



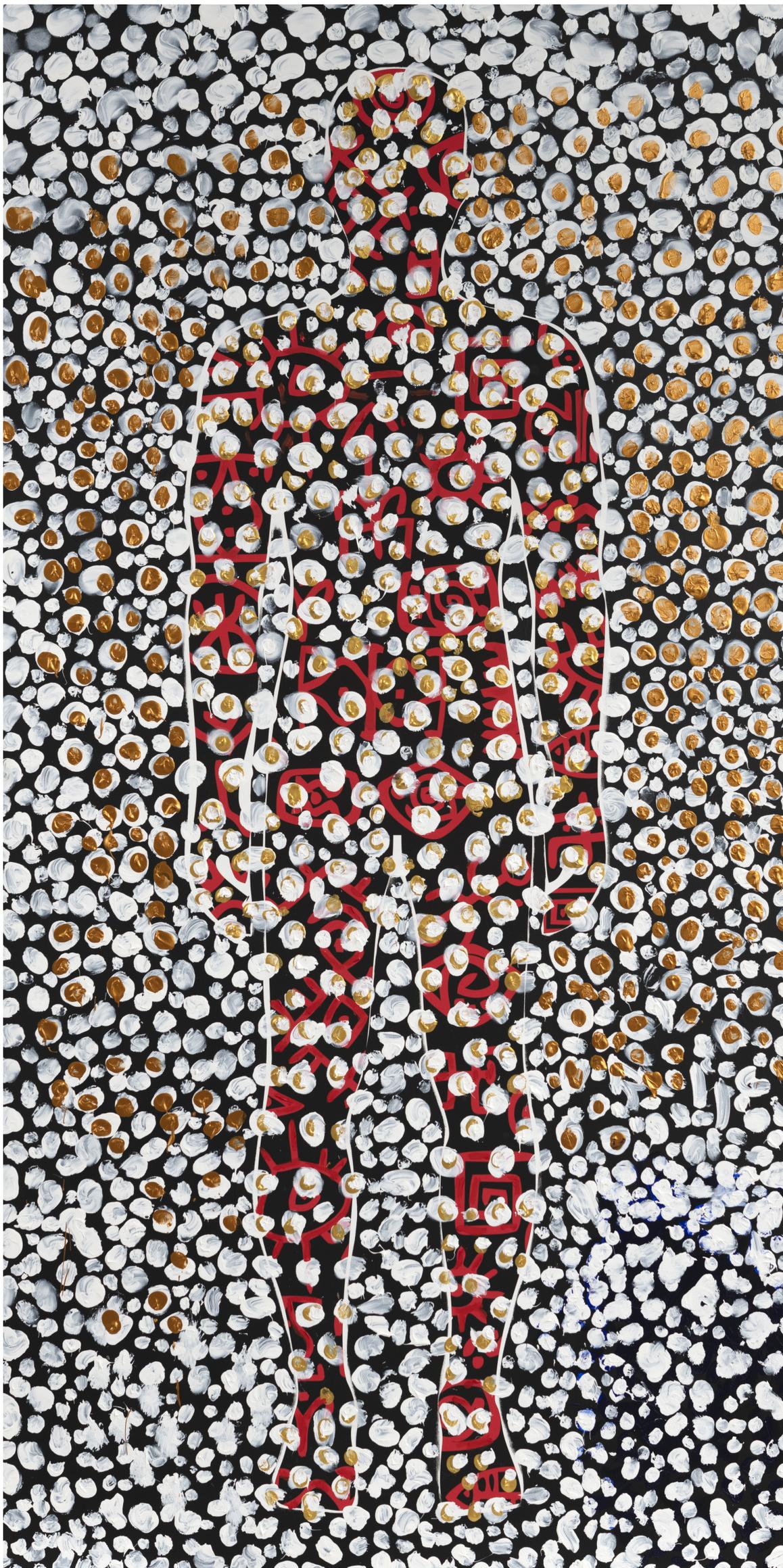
Sem título  
S/D  
Granito, plástico, madeira, tinta spray e metal  
150 x 170 x 130 cm



Sem título  
S/D  
Granito, plástico, madeira, tinta spray e resina  
150 x 130 x 120 cm



série *HUMANOS*  
(2021 — 2022)



Série Humanos  
2021  
Técnica mista sobre tela  
200 x 100 cm



Série Humanos  
2021/2022  
Técnica mista sobre tela  
200 x 100 cm



Série Humanos  
2021/2022  
Técnica mista sobre tela  
200 x 100 cm



Série Humanos  
2021/2022  
Técnica mista sobre tela  
200 x 100 cm



Série Humanos  
2021/2022  
Técnica mista sobre tela  
200 x 100 cm



Série Humanos  
2021/2022  
Técnica mista sobre tela  
200 x 100 cm



Série Humanos  
2021/2022  
Plástico e teclas de computador  
140 x 53 x 20 cm



**Realização**  
**Realization**

Paulo Darzé Galeria de Arte e Almeida & Dale Galeria de Arte

**Sócios-proprietários | Paulo Darzé Galeria**  
**Owner-partners**

Paulo Darzé  
Thaís Darzé

**Sócios-proprietários | Almeida & Dale Galeria**  
**Owner-partners**

Antonio Almeida  
Carlos Dale Junior

**Diretora | Almeida & Dale Galeria**  
**Director**

Erica Schmatz

**Curadoria e Coordenação Editorial**  
**Curatorship and Editorial Coordination**

Victor Gorgulho

**Produção Executiva | Almeida & Dale Galeria**  
**Executive Production**

Marina Bigardi  
Tatiana Farias

**Produção | Paulo Darzé Galeria**  
**Production**

Bruna Sanjuán  
Cica Lima

**Conservação e Museologia**  
**Conservation and Museology**

Carollinne Akemy Miyashita  
Carolina Tatani  
Malu Villas Bôas  
Sophia Maria Q. S. Donadelli

**Design Gráfico**  
**Graphic Design**

Christian Proença  
Gabriel Schettini

**Assistente de Pesquisa Curatorial e Textual**  
**Curatorial research assistance**

Henrique Rondinelli

**Tráfego e Tratamento de imagens**  
**Traffic and image edition**

Ivan Nishitani

**Tradução e Revisão**  
**Translation and proofreading**

Henrique Rondinelli

**Projeto Expográfico**  
**Exhibition Project**

Gabriela González

**Diretor de Arte**  
**Art Director**

Raphael Tepedino

**Fotografia**  
**Photography**

Sergio Guerini

**Agradecimentos**  
**Acknowledgment**

Agradecemos à toda a equipe do artista Siron Franco:

Wellington Rodrigues, Secretário  
Josimar Vieira de Sá, Montador  
Maycon Clayver Viera de Sá, Soldador  
Sebastião Alves do Nascimento, Taxista



